

Autoetnografia, W. E. B. Du Bois e Meu “Fazer Autoetnográfico” – controle, estratégias e um estudo sobre experiências de discriminações numa fast-fashion no Brasil.

Silvio Matheus Alves Santos¹

Resumo

Com a autoetnografia e os resultados do meu doutorado, desenvolvi as minhas primeiras percepções e reflexões sobre as questões teórica-metodológicas presentes na sociologia desenvolvida por W. E. B. Du Bois (1868-1963). A partir disso e com a possibilidade de organização do Dossiê Autoetnografias, percebi uma rica oportunidade de apresentar (ainda que preliminarmente) duas ideias que ganharam forças em meus estudos, ensino e pesquisa. A primeira é apresentar o que chamo de “raízes epistemológicas da autoetnografia” – que seria a identificação das bases e/ou características epistêmico-teórico- metodológicas deste método em trabalhos seminais de Du Bois. E a segunda ideia é demonstrar como construí a minha operacionalização autoetnográfica ou o que chamo de Meu Fazer Autoetnográfico no trabalho de doutorado. Mesmo sabendo que esta metodologia tem um forte caráter subjetivo, o meu intuito é chamar a atenção para os “processos objetivos” estruturados durante a minha investigação e análises que expressam ainda mais as potencialidades deste recurso metodológico. Por fim, o caso de Caveira se apresenta tanto como uma forma de desvelar o jogo de narrativas que se fez presente em nossa interação quanto um meio de reafirmar a importância da abordagem interacionista sobre o racismo e a experiência da discriminação.

Palavras-chave: Autoetnografia; W. E. B. Du Bois; Fazer Autoetnográfico; Experiências de discriminações.

Autoethnography, W. E. B. Du Bois and My “Autoethnographic Doing” – control, strategies and a study on experiences of discrimination in a fast-fashion company in Brazil

Abstract:

With the autoethnography and the results of my doctoral research, I developed my first insights and reflections on the theoretical-methodological issues present in the sociology developed by W. E. B. Du Bois (1868-1963). From this and with the possibility of organizing the Autoethnographies Dossier, I realized a rich opportunity to present (albeit preliminarily) two ideas that gained strength in my studies, teaching and research. The first step is to present what I call the “epistemological roots of autoethnography” - that would be the identification of the epistemic-theoretical-methodological bases and/or characteristics of this method in seminal works by Du Bois. And the second idea is to demonstrate how I constructed my autoethnographic operationalization or what I call My Autoethnographic Doing in my doctoral work. Even though I know that this methodology has a strong subjective character, my intention is to draw attention to the “objective processes” structured during my research and analysis that further express the potentialities of this methodological resource. Finally, the case of Caveira presents itself both as a way of unveiling the play of narratives that is present in our interaction and as a means of reaffirming the importance of the interactionist approach to racism and the experience of discrimination.

Keywords: Autoethnography; W. E. B. Du Bois; Autoethnographic Doing; Experiences of discrimination.

Introdução

¹ 1 Doutor em Sociologia pela USP e atualmente Pesquisador Bolsista CAPES de Pós-Doutorado na Sociologia – IFCH/UNICAMP. Email: silvioma@unicamp.br / ORCID: 0000-0002-4110-8064.

Este artigo está diretamente alicerçado nos recursos metodológicos e processos de pesquisa qualitativos realizados em minha tese de doutorado, que partiu do uso da memória e da minha experiência, como fonte e ponto de partida para descrever a experiência de um ex-trabalhador negro, que confrontou a discriminação e a desigualdade no ambiente de trabalho em sua carreira numa *Fast Fashion* (F&F) do comércio varejista de moda. Assim sendo, o meu trabalho doutoral ao utilizar a autoetnografia – ao lançar mão de recursos constitutivos como autobiografia, relatos biográficos/experiências/histórias de vidas de outros sujeitos, reflexividade e etnografia, por exemplo – abriu caminho para as minhas primeiras percepções e reflexões sobre as questões teórica-metodológicas presentes na sociologia desenvolvida por William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963) e em algumas das suas principais obras.

Desta forma, a partir da oportunidade de organização do *Dossiê Autoetnografias*, percebi a possibilidade de apresentar (ainda que preliminarmente) duas ideias que ganharam forças em meu pós-doutorado (em andamento), na preparação de uma disciplina e ensino sobre o método, em palestras/minicurso/eventos, nas etapas de organização e leituras dos artigos submetidos para o dossiê e no processo de preparação deste meu artigo. A primeira delas é apresentar o que eu chamo de “raízes epistemológicas da autoetnografia” – seria em meu entendimento a identificação das bases e/ou características epistêmico-teórico- metodológicas deste método ou um fazer autoetnográfico em trabalhos seminais do sociólogo W. E. B. Du Bois. Neste sentido, o que estou dizendo é que ao olhar cuidadosamente para o passado, para a sua produção do que hoje é entendido como pesquisas multimétodos e as triangulações teóricas e metodológicas, para a dimensão do que seria a pesquisa qualitativa das suas investigações sociológicas, o uso da sua própria experiência como ponto de partida fundamental para o desenvolvimento da sua sociologia e a maneira criativa/evocativa com que produziu e apresentou a maioria de suas obras, já poderíamos notar os recursos característicos da autoetnografia. Deste modo, apesar de ser entendida como uma metodologia contemporânea, compreendo que o *modus operandi* deste método já era mobilizado/operacionalizado por Du Bois.

A segunda ideia é demonstrar como construí a minha operacionalização com a autoetnografia ou

o que chamo aqui de *Meu Fazer Autoetnográfico*. Apesar de saber que este método tem um forte caráter subjetivo, que parte da experiência ou história de vida dos/as pesquisadores/as, que está assentado numa intensa e constante (auto)reflexividade e que tem uma orientação etnográfica, o meu objetivo é demonstrar que a autoetnografia pode reunir “processos objetivos” durante a investigação e análises dos dados que expressam ainda mais suas potencialidades. Para isso, apresentarei algumas partes do Capítulo 1 da minha tese, que não foram publicadas, são elas: *Olhando sociologicamente a minha experiência e construindo os caminhos da pesquisa de maneira auto-bio-etno-gráfica; O tempo vivido em relação ao método; Definindo em minha pesquisa um controle e uma estratégia para a utilização da autoetnografia; e Caveira e sua percepção racial revelada*.²

Quando realizei a minha pesquisa de doutorado recorrendo à autoetnografia, eu tive como metas não só estruturar e organizar analiticamente o material autobiográfico da minha experiência, mas também recolher informações sobre a gestão das relações e desigualdades raciais sentidas no cotidiano de trabalho da empresa, entre o passado e presente, e em dois lugares (Aracaju e em São Paulo), criando, desta forma, um quadro de contraste com o presente a ser estudado. O meu relato autobiográfico foi o meio inicial para entrar, de forma densa, na caracterização da situação de trabalho a partir da perspectiva dos agentes que dela participaram e participam. Com ele foi possível documentar e/ou demonstrar as desigualdades que nela ocorreram, as suas formas racializadas, o modo como os indivíduos expressaram e expressam a racialização do outro, e como os sujeitos, que interpelados por sua origem racial ou discriminados por conta desta, percebem e elaboram tal discriminação.³

Raízes epistemológicas da autoetnografia – W. E. B. Du Bois e A Experiência Negra⁴

2 Alguns fragmentos, aspectos analíticos e casos mais emblemáticos que são materiais frutos das entrevistas realizadas com os sujeitos que entrevistei em minha pesquisa de doutorado, como o caso de Caveira, foram expostos no artigo “Trabalho, Relações Raciais e Interacionismo Simbólico – Reflexões sobre experiências, narrativas e situações de discriminações”, que foi apresentado no “Comitê de Pesquisa 14 – Sociologia das Relações Étnico-Raciais”, no 20º Congresso Brasileiro de Sociologia, em 2021.

3 Ver a Introdução de Santos (2019).

4 Partes deste tópico, ideias e reflexões foram enviadas para uma possível publicação, numa forma de pequeno ensaio, como “opinião”, no conhecido “Projeto Nexo Jornal”.

Já é compreendido na contemporaneidade que W. E. B. Du Bois foi um dos cânones/fundadores da Sociologia, sistematizando e desenvolvendo, especificamente, a sociologia norte-americana. Du Bois viveu por quase um século e produziu uma diversidade de trabalhos que se inicia no final do século XIX e se estende por seis décadas do século XX. Em uma resenha do livro, *The sociology of W.E.B. Du Bois: racialized modernity and the global color line*, publicada no “Blog da SBS” (Sociedade Brasileira de Sociologia), cujo título é “Sociologia de Du Bois, Modernidade Racializada e Agência”, eu tive a oportunidade de explicar como aconteceu o meu contato com Du Bois e como ele se tornou importante para mim e para minha trajetória enquanto sociólogo e pesquisador negro.⁵

Além de ser fundamentada numa sistematização metodológica muito bem articulada e também desenvolvida no Laboratório Sociológico de Atlanta (LSA), a sociologia de Du Bois está assentada na dimensão da experiência negra vivida. No caso da sua experiência, ela foi tratada como um dado empírico, se tornando um importante “instrumento para a investigação sociológica” e um dado analítico relevante para confrontar a produção sociológica de um mainstream branco. Que não teve e talvez ainda não tenha um acesso profundo às realidades, aos entendimentos dos problemas e ao que foi e é vivido pelas populações negras, em sociedades que foram impactadas principalmente pela escravização colonial. O “apagamento ou invisibilização” de Du Bois esteve vinculado às bases do racismo científico que ajudaram a formar uma sociologia eurocêntrica e norte-americana capitaneada predominantemente por homens brancos que negaram e que talvez ainda neguem as potencialidades de ferramentas metodológicas qualitativas que partem da experiência – por exemplo, as de base auto-bio- etno-gráfica realizadas por sujeitos insiders pertencentes a grupos sociais como é o caso da população negra.

É fundamental buscarmos entender, para além da dimensão do racismo científico, a possível existência de outros motivos igualmente relevantes que levaram Du Bois a ser “invisibilizado ou marginalizado” e o que ele representava enquanto um importante sociólogo negro num período de formação e consolidação da sociologia científica e empírica. Não podemos esquecer que existia

e provavelmente ainda existe uma disputa pelo poder e domínio da narrativa no campo das Ciências Sociais (seja no contexto norte-americano seja em outros países) e, conseqüentemente, uma disputa pelo domínio da difusão do que seria considerado uma “legítima” perspectiva sociológica analítica e de pesquisa.

Du Bois entendia e percebia que era fundamental combater a inferiorização difundida pelo racismo científico com uma sociologia cientificamente sistematizada a partir de pesquisas empíricas rigorosas e bem elaboradas. Esta premissa era uma das grandes prioridades na estruturação da sociologia que ele desenvolveu na Universidade de Atlanta. Nesse sentido, Du Bois e os integrantes do LSA estavam criticando os pensadores ou estudiosos que reivindicavam e representavam uma sociologia alicerçada em bases biológicas, na qual alegavam que os negros e negras eram sócio/culturalmente inferiores aos brancos sem se quer conseguir “provar ou demonstrar”, a partir de uma sociologia corretamente desenvolvida empiricamente, como chegaram em tais generalizações superficiais e desumanizantes. Esses estudiosos que estavam alinhados ao eugenismo e ao darwinismo social, na realidade, partiram dos pré-conceitos ou interpretações de “tendências ou diferenças naturais”, como aspectos relacionados à cultura e características corporais, para justificar biologicamente que a população negra não era digna de ter reconhecida a sua cidadania, a humanidade e nem ser tratada igualmente como sujeitos de direitos.

Du Bois e a sociologia realizada pela Escola de Atlanta (1896-1924)⁶ se insurgiram contra essas visões preconceituosas. Ele demonstrou a partir da mobilização da sua experiência enquanto um sujeito negro – visando apresentar também as potencialidades da população negra em termos de criatividade, coletividade e diversidade – que ele tinha competência e inteligência suficientes para criar uma sociologia, desenvolver uma escola sociológica, produzir literatura, escrever romances, debater com qualquer branco da época que se julgasse superior e demonstrar a sua força intelectual.

O grupo de pesquisadores da Escola de Atlanta de Sociologia (EAS), por sua vez, promoveram avanços em algumas áreas da pesquisa sociológica: um deles, no meu entender, o que mais se relaciona com as bases do método da autoetnografia, é que os/as pesquisadores/as

5 A Resenha está disponível em: <https://www.sbsociologia.com.br/2020/11/06/sociologia-de-du-bois-modernidade-racializada-e-agencia/>.

6 Du Bois se tornou o principal líder e responsável do programa que instaurou as bases da Escola de Atlanta de Sociologia – empírica e científica. Ver as discussões de Wright (2002) e Morris (2015) sobre *The Du Bois-Atlanta School of Sociology*.

estavam entre os/as primeiros/as acadêmicos/as a discutir abertamente os benefícios e limitações do “status do/a pesquisador/a” insider/outsider. Du Bois argumentou que a tarefa da sociologia era estudar e medir as interações entre os padrões sociais que estruturam consistentemente a ação humana e o acaso, ou, na linguagem contemporânea, entre a estrutura e a agência.

“[...] As aspirações dos homens negros devem ser respeitadas: a riqueza e a profundidade amarga da sua experiência, os tesouros desconhecidos da sua vida interior, as estranhas voltas da natureza que eles têm visto podem proporcionar ao mundo novas perspectivas e tornar seu afeto, sua vida e sua ação preciosos para todos os corações humanos. [...]” (DU BOIS, W.E.B. *As almas da gente negra*, 1999 [1903]).

Mesmo já sendo identificado em *The Souls of Black Folk* (1903) e *Darkwater* (1920), características de uma autoetnografia, vai ser em *Dusk of Dawn*, de 1940, que Du Bois aos 72 anos analisa o lugar da raça no mundo moderno a partir da verificação da sua própria história de vida. “**Minha vida teve seu significado e seu único significado profundo porque era parte de um Problema** que era, como continuo a pensar, o problema central da maior das democracias do mundo e, portanto, o Problema do mundo futuro.” (Grifo feito pelo autor).⁷

Assim sendo, Du Bois utilizou a sua experiência negra como um recurso ou instrumento científico e a enxergou, a partir de alguns dos seus processos vividos ao longo de sua vida, como uma parte integrante e um fator fundamental para compreender profundamente o que chamou de “o problema negro”. Com isso ele almejou não só investigar toda a estrutura social que inferiorizava e desumanizava a população negra, como também contrapor e suplantar toda a formação de uma “pseudociência sociológica” repleta de generalizações superficiais, homogeneizantes e de bases biológicas.

Atualmente é evidente a relevância das abordagens multimétodos, das triangulações teóricas e metodológicas que já foram e são identificadas em algumas obras ou trabalhos de Du Bois. A partir disso, convido a refletirmos sobre as nossas

fundamentações de pesquisa empírica e sociológica no Brasil, especificamente, em como os nossos estudos de relações raciais se relacionam com metodologias qualitativas de base *auto-bio-etno-gráfica* diante da preponderância do quantitativo/estatístico. Nesse sentido, pensando a partir da sociologia de Du Bois com suas abordagens multimétodos e triangulações, com seus investimentos macro analíticos e seu olhar atento para a dimensão das interações sociais, com seu engajamento político-crítico, entendo que precisamos refletir sobre o quanto do que é produzido dentro dos nossos muros acadêmicos consegue transpor as paredes da torre de marfim com intensidade e amplitude que nos permita notar uma conscientização ou influência nas condutas e ações dos sujeitos não acadêmicos em nossa sociedade brasileira, especialmente, a grande parte da nossa população negra em suas relações cotidianas.

Alguns recursos metodológicos qualitativos e diversos estudos de ordem *auto/bio/etno/gráfica* e evocativos, entendidos como inovadores, têm despertado em alguns sujeitos a percepção de sua própria condição racial. É neste processo que enxergo a força do que Du Bois desenvolveu em sua sociologia e em sua escrita sociológica/literária/criativa difundida em suas obras como: *The Souls* (1903), *Darkwater* (1920), *Dusk of Dawn* (1940), dentre outras. Por este motivo eu sigo a linha de autores como Itzigsohn e Brown (2020) e Ali Meghji (2022) que também enxergaram em alguns de seus trabalhos as bases de um fazer autoetnográfico ou da autoetnografia. Assim, compreendo que Du Bois buscou atingir os sujeitos que estão dentro e fora da academia utilizando a abordagem evocativa (que também é um recurso deste método) com o intuito de alcançar suas dimensões emocional e da consciência.

Sim, as experiências são pessoais e individuais, mas a questão não é apenas narrar a própria vida. É usar a experiência vivida como ponto de partida para examinar os contornos e mecanismos de exclusão e dominação. Du Bois fez isso com frequência, mas o principal modelo para essa abordagem analítica é *Dusk of Dawn*, com o subtítulo apropriado de *An Autobiography of the Concept of Race*. Na seção de abertura, “Apology”, Du Bois argumenta que sua vida teve significado apenas “porque era parte de um problema” que é o problema central de nosso tempo. Este é um método que tem sido amplamente aceito há algum tempo em campos interdisciplinares,

⁷ Fragmento em inglês de *Dusk of Dawn*: “My life had its significance and its only deep significance because it was part of a Problem was, as I continue to think, the central problem of the greatest of the world’s democracies and so the Problem of the future world. [...]” (p. xxxiii).⁷

tais como estudos étnicos e de gênero. Alguns sociólogos empregam esta abordagem, muitas vezes trabalhando dentro do subcampo da auto-etnografia. Uma sociologia Du Boisiana expandirá o uso deste método na pesquisa sociológica. (ITZIGSOHN & BROWN, 2020, p. 203).⁸

Há pouco mais de um século, W. E. B. Du Bois publicou *Darkwater: Voices from Within the Veil*. Este livro está repleto de história, teologia, autoetnografia, hinos e poesia. Uma de suas mensagens centrais é que o mundo pode ser diferente. (MEGHJI, 2022, p. 7).⁹

Pensando nos desdobramentos e potencialidades de refletir sobre o “status do/a pesquisador/a” *insider/outsider*, que já era tema da EAS e LSA, tal discussão nos conecta atualmente ao conceito de *outsider within*, de Patrícia Hill Collins (2000; 2016). A partir da sua proposta conceitual, os insiders são capazes de olhar tanto de fora para dentro (*outsider*) e de dentro para fora pois eles enxergam os dois mundos – para fazer uma referência ao debate fenomenológico¹⁰ desenvolvido por Du Bois a partir do seu conceito de Dupla Consciência¹¹. Como *outsiders within*, estudiosas feministas negras podem pertencer a um dos vários distintos grupos de intelectuais marginalizados cujos pontos de vista prometem enriquecer a pesquisa e o discurso sociológico contemporâneo. Desta forma, a abordagem sugerida pelas experiências das *outsiders within* é de que os/as intelectuais aprendam a confiar

8 Trecho em inglês: [Yes, experiences are personal and individual, but the point is not just to narrate one’s life. It is to use one’s lived experience as a starting point to examine the contours and mechanisms of exclusion and domination. Du Bois did this often, but the main model for this analytical approach is *Dusk of Dawn*, appropriately subtitled *An Autobiography of the Concept of Race*. In the opening section, the “Apology,” Du Bois argues that his life had significance only “because it was part of a Problem” that is the central problem of our times. This is a method that has been widely accepted for some time in interdisciplinary fields, such as gender and ethnic studies. Some sociologists employ this approach, often working within the subfield of auto-ethnography. A Du Boisian sociology will expand the use of this method in sociological research.]

9 Trecho em inglês: [Just over a century ago, W. E. B. Du Bois published *Darkwater: Voices from Within the Veil*. This book is packed with history, theology, autoethnography, hymns and poetry. One of his central messages is that the world can be otherwise.]

10 Para entender melhor esta discussão sobre a “Fenomenologia de Du Bois”, indico o primeiro capítulo de Itzigsohn e Brown (2020).

11 Esta questão conceitual da Dupla Consciência, a sua importância analítica e a referência feita a Du Bois para pensar os processos relacionados aos insiders/outsiders aparecem num trabalho entendido como um “clássico” no tocante à autoetnografia. Me refiro à obra de Deborah Reed-Danahay (1997) *Auto/Ethnography - Rewriting the Self and the Social*.

em suas próprias biografias pessoais e culturais como fontes significativas de conhecimento¹².

Portanto, apresento aqui o que na contemporaneidade já é entendido como “**Autoetnografia de Feministas Negras**” (*Black Feminist Autoethnography*), termo apresentado por Rachel Alicia Griffin e que demonstra como esta autoetnografia é usada para explorar autorreflexivamente suas experiências cotidianas como uma *outsider within* e problematizar a onipresença do racismo e sexismo (pelo menos) na vida cotidiana das mulheres negras. Griffin (2012) processa cronologicamente através da sua introdução pessoal ao pensamento feminista negro para posicionar os estudos feministas negros numa conversação direta com a autoetnografia e, a partir desta aproximação, refletir sobre o “uso da raiva como um meio de alimentar suas reflexões autoetnográficas feministas negras.”

Olhando sociologicamente a minha experiência e construindo os caminhos da pesquisa de maneira auto-bio-etno-gráfica

Sabendo que a autoetnografia vem oferecendo as bases para as minhas incursões na autorreflexividade, principalmente, no que concerne às investidas analíticas sobre as experiências (incluindo a minha) e as ações dos sujeitos investigados na pesquisa de doutorado em suas relações/interações, é fundamental conceber que tais relações são percebidas/vividas na dimensão micro e transpassadas por macroprocessos e é onde os indivíduos extraem e potencializam a construção de seus significados.

Neste sentido, o primeiro passo se deu quando percebi que nas a situações vividas por Matheus (persona que se refere ao Autor) no processo de seleção de contratação e no cotidiano de trabalho existiam indícios de tratamentos desiguais que, ao longo dos

12 Outros dois relevantes trabalhos apresentam também reflexões sobre a importância da autoetnografia em estudos sobre a vida e experiência negras. Eles abordam a relevância e a característica inovadora dos trabalhos de Zora Neale Hurston, uma antropóloga negra, que será vista como uma das precursoras na utilização deste método autoetnográfico, especialmente, no campo da antropologia. O primeiro trabalho é de Irma McClaurin (2001) – *Theorizing a Black Feminist Self in Anthropology: Toward an Autoethnographic Approach*; e o segundo de Ashanté Reese (2018) – *Zora Neale Hurston and Ethnography of Black Life*.

anos, na relação de trabalho dentro da Fast Fashion (F&F)¹³ foram sendo sentidos e compreendidos como discriminações. O próximo passo a ser realizado foi transformar em cenas as situações relevantes, e redigi-las narrativamente num mergulho intenso ao passado para que só posteriormente, depois de finalizadas, elas pudessem ser analisadas e contrastadas com outras narrativas biográficas de sujeitos-chaves que se relacionaram com ele naquele período e que, por isso mesmo, estavam presentes no material autobiográfico que foi preparado.

Como meio de potencializar o meu retorno ao passado para a confecção do material autobiográfico, foram desenvolvidos desenhos (ou esboços bem simples) das plantas das lojas (com setores e suas divisões físicas, parte externa onde circulava clientes e funcionários; e interna, restrita aos trabalhadores) que o Autor trabalhara e principalmente o recurso às fotografias que ainda existiam do período trabalhado nas duas lojas em Aracaju. Depois disso, ordenei os acontecimentos numa sequência em que eles foram sendo vividos, como por exemplo, o momento da procura pelo emprego na multinacional, a seleção de contratação, os fatos vividos quando era um trabalhador temporário e efetivo até a situação da minha saída da empresa. O resultado dessa imersão ao passado foi um material autobiográfico inicialmente redigido em torno de quinze tópicos, referentes às situações vividas por mim. Com esse produto pronto, comecei um processo de análise e autorreflexão, praticamente um ir e vir entre o passado e o presente proporcionado pela autoetnografia. Método este que tem uma ligação muito forte com a auto/biografia, reflexividade e etnografia (DENZIN, 2013; 2014).

Embora a autobiografia e a autoetnografia possam parecer sinônimos, a literatura no campo é incisiva em sublinhar que se trata de dois processos diferentes e que se complementam. O primeiro, além de ser visto como uma peça literária, traz consigo o fator biográfico do autor e suas reflexões sobre os processos vividos ou experienciados (no campo teórico, na vida pessoal e/ou acadêmica e no caso da tese realizada, nas relações cotidianas de trabalho). Nesse sentido, Chang (2008, p. 48) enfatiza que “a riqueza da narrativa autobiográfica e dos insights autobiográficos é avaliada

¹³ Utilizo a expressão/conceito Fast Fashion, de maneira fictícia e com iniciais maiúsculas, para aludir e representar o nome real da empresa que é uma das principais multinacionais no grande varejo de moda atuantes no Brasil. Algumas vezes quando me referir à empresa utilizarei a sigla F&F.

e intencionalmente integrada ao processo de pesquisa, tornando-se, assim, um produto contrário à etnografia convencional”. Explico um pouco desse sentido quando falei sobre as orientações que formam o equilíbrio triádico da autoetnografia (SANTOS, 2017). Sendo assim, ao complementar-se com a autoetnografia, que seria a segunda peça analítico-interpretativa/científica, notei que alguns desses aspectos que constituem a dimensão biográfica ou autobiográfica da vida do sujeito pesquisador (ou Autor) corroboravam o foco da minha pesquisa.

Já a etnografia, além de ser um dos pilares centrais do método autoetnográfico, na minha tese e neste artigo, se tornou também um recurso fundamental pois me possibilitou contrastar os fatos narrados pelo Autor com as narrativas biográficas de outros sujeitos que trabalharam com ele no passado e que de algum modo reconstruíram aquele ambiente vivido no final da década de 90 até 2009 – utilizando a entrevista e o relato etnográfico sobre os reencontros com tais sujeitos. Além disso, quando se pensa a pesquisa de campo no tempo presente, a etnografia, por meio das observações e dos relatos etnográficos realizados nessas investidas, também possibilitou estranhar os contextos das lojas na atualidade, à luz do que foi colhido a partir das narrativas (auto)biográficas do Autor e dos outros sujeitos significativos relacionados ao passado.

Em suma, o material autobiográfico que está na base a minha autoetnografia (pensando na tese) vai se transformar numa sólida etnografia (método esse que catalisa o trabalho autoetnográfico), utilizando também a memória e as experiências de outros sujeitos significativos: tanto os que vivenciaram o passado com Matheus quanto os que permaneceram depois da sua saída e continuaram trabalhando no tempo presente, que é considerado a partir de 2010 até 2019. Assim, o principal desafio da tese que dá sustentação a este trabalho foi realizar a pesquisa conectando dois tempos e dois lugares.

O tempo vivido em relação ao método

Na realização da pesquisa com o uso da autoetnografia, o desafio foi lidar com dois tempos: o “Tempo 1” de Matheus investigado no passado a partir das memórias reconstruídas no presente e por meio das entrevistas com sujeitos que vivenciaram

a mesma realidade de trabalho no mesmo lugar e no mesmo período de tempo; e o “Tempo 2” que foi o momento das observações e entrevistas – ambos com relatos etnográficos – investigando o momento presente de Aracaju e São Paulo para depois disso contrastar as realidades cotidianas de trabalho e as experiências de discriminação em dois espaços e em dois tempos.

A partir da reflexividade, do ir e vir entre passado e presente durante a autorreflexão do que foi vivido por Matheus e pelos sujeitos significativos da pesquisa, no intuito de extrair o que se mostrou recorrente, diferenciado e pertinente para análise das trajetórias de todos os sujeitos, pude notar a existência de alguns fenômenos não vistos no passado vivido por Matheus. O que entra em consonância com as mudanças sociais e organizacionais ao longo dos vinte anos que se passaram.¹⁴ Neste sentido, a passagem de um tempo para o outro está fortemente ligada em como os movimentos identitários (ou a maneira como os sujeitos se percebem) aparecem na cena e como a temática pesquisada perpassa a trajetória de todos os sujeitos tanto de maneira singular (visto as especificidades narradas) e ao mesmo tempo plural (pela maneira como a experiência de discriminação acaba aparecendo em todas as trajetórias dos sujeitos) e coletivo-social (sendo marcado em políticas públicas e em ações dos movimentos organizados, particularmente negro e de mulheres).

Atrilado aos tempos da pesquisa, à análise dos espaços diferentes, às percepções das mudanças de culturas gerenciais que se mostraram diferentes em alguns aspectos (no tempo e no espaço) e às especificidades das dinâmicas operacionais no dia a dia das lojas observadas, tornou-se imperativo ficar atento ao contexto social, ou seja, aos movimentos sociais, às políticas públicas e aos atores diferentes que atuaram (e atuam) para a dinamicidade das transformações das realidades de trabalho.

Para que tais questões se materializassem neste complexo desafio metodológico, tornou-se necessário “costurar” as memórias (no plural por pertencerem a vários sujeitos) vividas no passado e narradas no presente (ROSENTHAL, 2014) sem qualquer ponte de passagem

entre um momento e outro. A ponte de passagem foi estruturada a partir do presente, por indivíduos analíticos que demonstraram ter competências ou formas muito diferenciadas da maneira de olhar o passado que também foi vivido por mim, o pesquisador – Silvio. Em síntese, “o olhar e narrar o passado” não vai ser da mesma maneira que os (ex)colegas de trabalho de Matheus, fato que ficou evidente nas entrevistas e narrativas biográficas – o que também apareceu como uma pluralidade de percepções sobre o fenômeno da experiência da discriminação.

Portanto, é preciso destacar as “tomadas de consciência” de Matheus (ex-trabalhador no passado e estudante de graduação no curso de Ciências Sociais de 2005 a 2009) no meio do processo de trabalho. Refletindo em tais situações, de tomada de consciência, notei que os questionamentos de Matheus não vieram depois de sua saída, eles aconteceram em sua maioria durante o período trabalhado. Sendo assim, este processo de transformação ganhou no trabalho de tese o estatuto de objeto de análise metodológica. Nesse sentido, Matheus (sujeito nativo) e Silvio (pesquisador e autor – no presente) não são dois momentos discretos.

Pensando em termos de autoanálise (BOURDIEU, 2005), isso já começa a emergir no momento da entrada de Matheus no trabalho quando o mesmo recebe com estranheza a maneira como foi tratado na seleção de contratação, ou, ao longo da sua própria experiência quando foi trabalhador da *F&F*. Desta forma, Matheus já era reflexivo e Silvio que é reflexivo passou a intensificar o processo vivido de trabalho com a análise sociológica cada vez mais apurada.

Definindo em minha pesquisa um controle e uma estratégia para a utilização da autoetnografia

Algo que precisa ser sublinhado como um dos pontos mais ricos desta proposta metodológica é a questão da intimidade, a íntima aproximação do Autor com o contexto estudado e a longa experiência subjetiva (e de trabalho) na realidade cotidiana de trabalho na *F&F* (multinacional do comércio varejista de moda – o estudo de caso da tese).

Complementando-se a isso é necessário demarcar que visto a complexidade de entender a discriminação

¹⁴ O início da minha experiência de trabalho aconteceu em 1999 como um trabalhador terceirizado ou temporário; em 2009, eu saí da empresa quando já era um trabalhador efetivo ou com contrato de trabalho indeterminado e passei a seguir a carreira acadêmica como pesquisador: primeiramente de Mestrado e depois de Doutorado – sendo este último concluído em 2019. Por isso, eu entendo uma passagem temporal de quase 20 anos.

em decorrência das formas de interpretação atribuídas pelos sujeitos e as “roupagens” que tal fenômeno se apresenta, esta investida metodológica acaba se tornando uma das pouquíssimas formas de investigar de maneira profunda as relações cotidianas de trabalho. Tanto pelo fato de ser uma experiência subjetiva como pelas dificuldades de fazer experimentos para medir a discriminação (PAGER, 2006). Nesse sentido, estudar e investigar as discriminações no âmbito do subjetivo não se apresentou como uma tarefa fácil e algumas das condições/situações que realmente abriram o caminho para a realização da minha pesquisa foram a experiência vivida, o olhar atento e a sensibilidade do Autor em perceber e sentir tais processos.

Uma das primeiras medidas com vistas ao estabelecimento de um controle para a melhor utilização do método autoetnográfico em minha pesquisa surgiu no momento em que foi decidido cruzar os materiais relatados que foram narrados pelos sujeitos significativos da pesquisa doutoral com o material autobiográfico do Autor. Isso com o objetivo de perceber certos padrões ou recorrências de acontecimentos que foram interpretados como tratamentos desiguais e conseqüentemente experiências de discriminação.

Outro fator bem importante foi o olhar atento na coleta de informação ou material referente ao passado de trabalho de Matheus no intuito de reconstruir o vivido. Isso ficou evidente quando conversei com a ex-funcionária Gracinha e a mesma me apresentou inúmeras caixas de fotografias de familiares e funcionários da própria empresa no período em que trabalhamos juntos. Com os desenhos das plantas das lojas em que trabalhara, as fotos que eu ainda tinha, as conversas com colegas que trabalharam naquele período e as fotos apresentadas por Gracinha, todos estes fatores, forjaram um processo que decidi chamar de “Arqueologia da Memória”.

Além dessa arqueologia da memória, outro processo que se mostrou bem frutífero e que acabou corroborando com o que foi identificado nas narrativas biográficas dos sujeitos significativos e no relato autobiográfico do Autor, foi a “cartografia” realizada nos Relatórios de Sustentabilidade da multinacional que trouxe informações sobre a estrutura da empresa, metas e planos de ação no que tange ao desenvolvimento sustentável do negócio e das relações de trabalho da

multinacional (mesmo não mencionando uma única vez a questão racial), como também, a apresentação de quadros com o mapeamento dos perfis raciais, geracionais e de gênero durante alguns anos. Todos esses foram meios para contrastar a realidade colhida através dos funcionários do “chão de loja” ao longo de 20 anos de experiência de trabalho com “o elogio de si”, no caso da *F&F*, com a sua aparente preocupação e postura diante das injustiças da desigualdade e discriminação, tão debatidas em âmbito nacional e internacional, quando se pensa as questões voltadas ao trabalho na contemporaneidade. Neste sentido, juntei relatos biográficos colhidos junto a três dentre os informantes que entrevistei no meu retorno a campo em 2018/2019. Dois foram os critérios para escolhê-los. Em primeiro lugar, todos conviveram com Matheus no mesmo ambiente de trabalho onde foram vividas as experiências relatadas por ele. Por isso mesmo, todos eles são personagens centrais na narrativa autobiográfica que se constituiu como ponto de partida do trabalho empírico. Assim, no tocante a estes sujeitos entrevistados, recolhi, por meio de seus depoimentos, outras (isto é, as suas próprias) visões, interpretações, significados, para situações que haviam sido antes destacadas no relato autobiográfico de Matheus. Esses relatos que tomam o partido da voz de “outros” serão cruciais no processo de ir, pouco a pouco, transformando a descrição autobiográfica num esforço autoetnográfico (ROTH, 2005). O que os fez também preferenciais frente a outros informantes, em segundo lugar, foi a convergência das narrativas – de Matheus e desses seus “outros significativos”¹⁵ – ao redor de cenas, ou situações (como as de recrutamento, carreira e mobilidade), que se entende como densas e elucidadoras das múltiplas dimensões, que se exprimem no modo de abordar a experiência subjetiva do preconceito e da discriminação. Caveira, Gracinha e Daiane¹⁶ ofereceram, através de seus relatos, uma outra forma de apreender as situações principais destacadas por Matheus. Dos três, certamente, como o/a leitor/a verá, Caveira é o caso sobre o qual mais elementos foram reunidos; com razão, visto que a sua

15 Conceito utilizado por Berger e Luckmann (1985), que por sua vez “toma” emprestado o sentido e a noção de “outro generalizado” desenvolvida por Mead (1962 [1934]). Os sujeitos entrevistados na pesquisa são “outros significativos” de Matheus. Como também, esta persona Matheus passa a ser “outro significativo” para os sujeitos no momento em que eles constroem a sua narrativa biográfica olhando para o passado vivido.

16 Todos/as os/as entrevistados/as serão apresentados/as com nomes fictícios.

de preterição, de preconceito e de aberta discriminação, ali tiveram lugar. Elas foram apresentadas e comentadas pelos olhos de Caveira, Gracinha e Daiane. Estas duas, por sua vez, são protagonistas de algumas das situações de assédio mais eloquentes, por sua transparência. Através dos seus relatos, vejo que a experiência de Matheus está longe de ser única e, na forma como vivida por Gracinha e Daiane, ilumina com especial clareza a interseção¹⁷ entre vários marcadores que desencadeiam representações preconceituosas e atitudes agressivamente discriminatórias.

Uma questão que é preciso destacar e que será fundamental para o entendimento das camadas de análises a partir da reflexividade utilizada tanto no contato com os sujeitos entrevistados quanto no tratamento do material colhido, diz respeito à maneira como a *persona* Matheus será interpelada em muitos momentos pelos entrevistados. À medida que eu, o Autor, fui desenvolvendo este trabalho usando a autoetnografia, partindo da autobiografia, que por sua vez me obrigou a debruçar sobre a experiência vivida no passado a partir do presente, fui enxergando esta experiência com outros olhos, notei que já lançava mão da reflexividade nesse movimento todo. Depois disso, eu fui em busca de outros casos, pois entendia que tais sujeitos que viveram comigo tais situações poderiam me ajudar a explicar, confirmar, dar novos prismas às questões que havia sido relatado por Matheus.

Conforme fui avançando nos casos, descobri que tanto eles enquanto sujeitos quanto o processo todo de pesquisa eram mais complexos e interessantes do que eu podia imaginar. Isto porque quando eu abordava tais sujeitos eu era Silvio, o pesquisador/doutorando da Universidade de São Paulo, o Matheus (*persona* da tese/ex-trabalhador) só apareceria na medida em que eles, durante a interação (conversa) submergiam no passado, e iam ficando cada vez mais ligados ao que Matheus de certa forma significava para eles no passado. Sendo assim, todo o começo de entrevista foi muito marcado pelo “peso” percebido nos/as entrevistados/as em se “apresentarem” para Silvio (pesquisador/doutorando). Mas no decurso das conversas eles se sentiam mais à vontade e viam o pesquisador quase todo tempo como Matheus. Disso surge algo muito interessante analiticamente, me refiro à maneira como esse movimento dos/as entrevistados/as vai afetando o Silvio (pesquisador), pois na medida que eu interagira a

entrevista com eles, tiveram muitos momentos que me senti deixando de ser Silvio e me tornando Matheus – isso fica nítido principalmente nas entrevistas de Caveira e Jucélia.

Destaco, assim, a existência de três momentos no que venho denominando de camadas analíticas sobre Matheus: 1) no resgate autobiográfico da experiência pretérita (sem ficar preso a teorias que só tomei contato depois de muitos daqueles momentos vividos ou no assunto propriamente da tese; 2) na posição de Silvio, pesquisador, que se obriga a refletir sobre o tema em si à luz de perspectivas teóricas; e 3) nos momentos em que Silvio passa a reviver reflexivamente como Matheus, junto às e aos entrevistadas/os, ouvindo eles falarem dele e de coisas que ele também viveu ou viveram juntos na empresa. Estas “camadas interativas”, que ora sobrepõem-se num todo, ora deixa saltar um ou outro “eu” por meio das forças das falas, das memórias, dos sentimentos vívidos que vêm à tona, se mostraram muito interessantes pois só puderam ser percebidas, de maneira mais apurada, na fase final do trabalho de tese. Portanto, neste momento analítico é que foi se revelando camadas de interpretação interessantes e que me mostraram que, apesar de não existir uma única narrativa, esta narrativa é sempre informada pelo presente, mas este presente pode ser variado, posto que Silvio continuava o mesmo pesquisador/doutorando. Mas quando ele se põem no momento da interação com os sujeitos significativos da pesquisa estas camadas aparecem e mostram que: a) ele foi um quando pensou como Matheus no mergulho autobiográfico; e b) foi outro, enquanto era acionado como Matheus, através das falas das pessoas que viveram com ele aquele período e tais sujeitos falavam novamente a partir do presente já refletindo sobre o que eles (individualmente) viveram e acionavam Matheus para referendar esses momentos, com muitos “você sabe, né. Você trabalhou lá, você foi líder...”.

Neste sentido, as muitas camadas analíticas sobre Matheus, revelou um “jogo de construção e reconstrução” permanente das interpretações a partir das situações de interface entre os atores desta pesquisa e o ator/autor e o ator/ex-funcionário da *F&F*. Os casos de Caveira e de Jucélia serão primordiais para elucidar tudo o que estou relatando aqui.

Outro ponto relevante é que ao utilizar o tema/foco da pesquisa como ponto de partida para iniciar uma

17 Cf. Crenshaw (1991).

(re)aproximação com os entrevistados, eu inseri a discriminação no centro da “situação interacional” (BLUMER, 1969; GOFFMAN, 1986). A partir disso, percebo uma interação específica onde os sujeitos que participam da pesquisa, atuam também como sujeitos nesse processo, posto que por meio dessa interação é que a (re)construção da memória e das ações ganham sentido, bem como é possível visualizar esse sentido dado às ações se desenhando nos olhos do/a entrevistado/a e do pesquisador, de maneiras diferentes, mas mutuamente pensantes, atuantes, protagonizantes dos sujeitos que conta/revive as situações e chega a conclusões não acessadas antes do diálogo, da interação. Dessa maneira, constitui-se um cenário de sentidos em que o fato de ser negro, mulher e mulher negra e gestante (como no caso de Daiane) ganham significados diferentes.

O “jogo de narrativas” que foi e será presenciado nos conduzirá a uma questão que enxergo na atualidade como fundamental: *a abordagem interacionista sobre o racismo e a experiência da discriminação*. Desta forma, tornou-se relevante “enquadrar” parte das análises da minha pesquisa de doutorado e os meus futuros caminhos analíticos e de pesquisa (no pós-doutorado, por exemplo) no tocante às relações raciais no marco conceitual do interacionismo simbólico. Diante dessa concepção interacionista foi possível apontar e até desvelar algumas das situações cotidianas de trabalho na F&F, transpassadas pelas relações de poder e/ou desigualdades. Enfim, julgo necessário demarcar também que o solo que assento as análises e reflexões sobre tais processos é o do racismo cotidiano¹⁸.

Caveira e sua percepção racial revelada

Passadas quase três horas de conversa/entrevista com o ex-colega de trabalho Caveira, me veio uma curiosidade: a quantos anos exatamente nós nos conhecíamos? Reconstituindo nosso primeiro encontro, em 1999, quando fui trabalhar no setor da Reserva da multinacional e ponto de partida para o cruzamento de nossas trajetórias de vida e trabalho, me surpreendi ao perceber que, em 2018, ano de nosso reencontro para a entrevista, haviam se passado quase vinte anos desde aquele dia em que nos conhecemos.

Caveira (como sempre foi chamado, e continua sendo, por seus colegas), nasceu em Aracaju, tem 41 anos, é casado há cerca de 20 anos e tem duas filhas. Ele cresceu numa família inter-racial, com mais três irmãos. No curso da nossa conversa, se autodeclarou preto/negro, fazendo questão de enfatizar que era negro – e isso me chamou a atenção, já que nunca o tinha visto afirmar sua identidade racial daquela maneira ao longo do tempo em que trabalhamos juntos.

Caveira iniciou sua trajetória no mercado de trabalho muito jovem. Começou a trabalhar quando tinha 14 anos, ajudando na área de contabilidade e na administração das duas imobiliárias do seu pai. Depois de alguns anos de trabalho e de uns desacertos em torno de questões administrativas, Caveira decidiu não trabalhar mais para o seu pai e optou por seguir seu próprio caminho. Foi em “busca de oportunidade numa empresa grande e multinacional, visava crescer, era um jovem que estava terminando o curso técnico de Contabilidade, estava no último ano”.

A sua entrada na F&F ocorreu no ano de 1998, ano da inauguração da empresa em Aracaju; entrou como colaborador e depois conseguiu ser efetivado. Ali ficou por três anos e, em janeiro de 2001 foi demitido. Depois da sua saída, trabalhou por nove anos como vigilante e agora trabalha como taxista, fazendo ponto justamente no Shopping Jardins, um lugar de muito significado, pois marcou o início de sua carreira independente no mercado de trabalho.

Redescobri-lo, passados quase vinte anos, exigiu algum trabalho. A nossa aproximação se deu a partir de uma conversa com outro ex-colega de trabalho, chamado Marinho, por meio de uma rede social. Sabedor do meu desejo de conversar com alguns ex-colegas de trabalho para a realização da pesquisa, Marinho me pôs a par da existência de um grupo de ex- funcionários da firma, criado num aplicativo de mensagens, e gentilmente me incluiu. Assim pude participar e falar com outros colegas com quem trabalhei e que se tornaram sujeitos importantes nessa reconstrução do contexto sob distintas perspectivas/experiências.

Passei a observar e participar das conversas do grupo, o que me proporcionou uma nova entrada em campo. Naquele momento, o meu foco era resgatar o passado de trabalho no setor da Reserva; por isso, foquei nos colegas que trabalharam comigo quando comecei na firma. Nesse grupo estavam funcionários da Fiscalização, alguns da Área de Vendas, mas principalmente alguns

¹⁸ Ver Essed (1991).

colegas que eu estava em busca de contato. Foi empolgante ver se abrir a chance de avançar com a pesquisa, e poder contrastar narrativas de experiências vividas, à mesma época, por sujeitos distintos. Mas foi igualmente emocionante reencontrar colegas, depois de tantos anos.

No sábado, dia 24 de março de 2018, recebi uma mensagem de Caveira dizendo que já estava na porta da casa de minha mãe, onde preferiu que fizéssemos a entrevista. Fui recebê-lo e senti um misto de sensações distintas; algumas lembranças começaram se reavivar. Olhei-o saindo do seu taxi e, mesmo depois de anos, ainda mantinha o mesmo corpo franzino, o cabelo cortado bem curtinho. Tive também a sensação de que ele estava com tom de pele mais escuro – creio que foi o efeito dos anos que não nos víamos e quem sabe da naturalização da sua cor, que só vim a estranhar depois de anos vivendo em São Paulo e depois de confrontado ao seu enfático reconhecimento de si como “negro”. As lembranças dos anos em que trabalhamos juntos vinham em flashes (de cenas e imagens esparsas) em minha cabeça.

Caveira em seu cotidiano de trabalho: a experiência da discriminação

Caveira – Como a loja tinha os efetivos e os colaboradores, onde os efetivos usavam a farda (uniforme) branca e os colaboradores a farda preta, assim, quem usava a farda branca era visto como elitizado e como os efetivos da Reserva usavam a farda preta era como se “ficassem de lado”, sendo excluídos.

Esta narrativa de Caveira (parte de um longo fragmento da entrevista e da tese) me ajudou, em segundo lugar, a reconstituir as marcas simbólicas que diferenciavam, depreciando, os que trabalhavam na Reserva. Isso se expressava nas cores dos uniformes. E observem que não eram quaisquer cores: enquanto os funcionários da Área de Vendas vestiam branco, os da Reserva usavam preto. Claro que a escolha se assentava numa *rationale*: o tipo de uniforme a usar dependia do tipo de atividade a ser realizada. Sendo o trabalho da Reserva tido como aquele que “suja” quem o desempenha, o preto ficaria melhor, por esconder a sujeira do uniforme. Já os associados da Área de

Vendas, que “não pegavam no pesado”, poderiam usar a cor branca, pois o desempenho do seu trabalho “não os sujaria tanto”. Estavam, assim, assentadas as bases para difundir-se uma representação que interpretava o trabalho dos “Processadores de Mercadorias” como inferior, que não detinha o mesmo *status* dos que atuavam no setor de vendas – um setor “elitizado”, no dizer de Caveira.

E, de fato, essa era a sensação que pairava nas relações entre os funcionários que usavam preto e aqueles que vestiam branco. Nem todos agiam como se fossem “superiores” aos funcionários da Reserva, mas uma boa parte assim o fazia. E foi o que fez uma “colaboradora branquinha”, conforme a identificou Caveira, que, tendo assimilado as divisões simbólicas existentes na loja, não teve dúvidas em destratá-lo – afinal, ele trajava um uniforme preto. Mesmo sendo ele o coordenador da Reserva, ela relutou em seguir o que ele lhe havia dito sobre a organização dos cabides, fazendo questão de demonstrar que não seguiria “ordens” de um inferior na escala hierárquica.

A desigualdade de tratamento, como se documenta em algumas passagens da narrativa de Caveira, deixa também entrever a diferença entre os perfis de funcionários requeridos para trabalho no campo do que denominamos como o “Visível” e o “Invisível” dentro da F&F. Caveira percebia essas diferenças. Assim, tomando como exemplo o perfil dos funcionários da Reserva, com suas características específicas, em relação aos demais funcionários da Área de Vendas¹⁹, diz ele:

Caveira – Existia (alguns perfis diferentes de trabalhadores), mas era só para disfarçar. Na época eu via isso. Como a loja era uma empresa que tinha [como] garoto propaganda um negro, o Sebastian, quem botou não deve ser racista[...].

De início eu não entendi o que ele estava querendo dizer com “Existia, mas era só para disfarçar”. Analisando o restante da sua fala comecei a compreender o que ele estava apontando. Quando, por exemplo, se referiu ao Sebastian, o garoto propaganda negro que fez enorme sucesso e que, durante muitos anos, foi visto como o rosto dessa multinacional, compreendi

¹⁹ Ver em Santos (2019), a respeito dessa seletividade de “perfil” na composição do quadro de funcionários de determinado setor, o relato de Arlete, eloquente em relação ao setor de Eletrônicos, o qual, a seu ver, era composto apenas por pessoas “bonitas” e brancas.

que ele nos remetia à imagem que a empresa estava construindo ao utilizar um homem negro. Ela estaria, com isso, aludindo, associando-se à ideia de que, como empresa, “não era racista”, que lá havia espaço para qualquer brasileiro já que o “rosto da empresa”, pensando na dimensão publicitária, era um rosto de grande parte da população brasileira, especificamente a classe C e a população negra.

Ao tempo em que avançamos em nossa conversa, compreendi que Caveira tentava explicitar que, mesmo com Sebastian sendo o rosto estampado para aproximar a população brasileira e negra dessa multinacional (e com isso alavancar as suas vendas), a verdade é que, no período de Rodolfo (gerente de loja branco da multinacional), não havia negros na Área de Vendas. No decurso da sua narrativa, o sentido de sua crítica fica ainda mais evidente:

Caveira – Mas na loja propriamente dita, em Aracaju, tinha, tinha discriminação! Até porque o gerente regional do Nordeste era racista. Que uma vez discriminou até você.²⁰

Impressionava a convicção de Caveira e o modo como afirmava, enfaticamente, que a empresa teve muitos casos de discriminação. Convicção de quem viveu a experiência do racismo. Mas, na experiência por ele narrada, o racismo se expressa de maneira que é ao mesmo tempo direta, clara, se travestindo (como no caso da “colaboradora branquinha”) em diferença de *status*, mas também é um racismo assentado no não-dito, porque consubstanciado na negação da existência do outro, da sua presença na cena. Assim, o gerente regional (também branco), mesmo sabendo que era ele o responsável por uma inovação organizacional, ao identifica-lo como negro, já não mais olhou para ele, nem sequer em sua direção e nem mesmo o cumprimentou. Falava da realização de Caveira olhando para o gerente de loja, Rodolfo, como se fosse o único interlocutor presente na cena. “Falava de mim, mas não olhava para mim, não se dirigia a mim. Isso durou uns 15 a 20 minutos. Eu nunca vi... Isso me marcou e eu lembro

20 Um exemplo de como Matheus é instado na cena mesmo Caveira estando diante de Silvio, o pesquisador doutorando, o que nos prova este constante ir e vir entre passado e presente, entre autor/pesquisador e Matheus/ex-trabalhador.

até hoje. Ele não me enxergou de forma alguma. Isso me marcou, mas não no sentido de me retrain.”

A narrativa de Caveira, por outro lado, revela que, de formas específicas, ele e Matheus passaram por experiências discriminatórias e foram objeto de tratamentos bem desiguais, no mesmo período, na mesma empresa. Disso faz prova a forma como o próprio Rodolfo tratava de maneira diferente Caveira (a quem, de acordo com o próprio, nunca destratou) e Matheus (que, em seus relatos, revela como esse gerente o destratara).

Isso nos leva a pensar que, nas situações de interação, as formas de tratamento se baseiam na percepção e/ou representação atribuídas às marcas de diferença que constituem/constroem o sujeito subordinado na relação de trabalho. Assim, conquanto a cor da pele seja um marcador social de diferença e possa fundar desigualdades de tratamento, é na situação de interação que os indivíduos rapidamente interpretam e significam, associando marcas ao outro com quem interagem. Retomo o exemplo de Rodolfo: ele não via Caveira como um negro, mesmo se este se visse e se dissesse negro e sofresse tratamento desigual (de Breno, o gerente regional, por exemplo) por ser negro. Já com respeito a Matheus era diferente a atitude de Rodolfo, que não hesitava em discriminá-lo. Da maneira como ele via Matheus e Caveira, o significado atribuído aos seus tons de pele e marcas corporais produziram um tratamento diferente por parte de Rodolfo. O mesmo não se passava com o gerente regional. Breno agiu com ambos da mesma forma, tratando-os como dois negros e agindo de maneira igualmente discriminatória, sem fazer distinções pela tonalidade da pele.

Considerações Finais

No que concerne à autoetnografia²¹ é fundamental entender que além de ser um método, este recurso metodológico se torna não só um instrumento de investigação, mas também um meio de representação da experiência do indivíduo/autor/pesquisador e de seu modo de vida. Neste sentido, compreendo que o “fazer autoetnografia” ou o “ser um(a) autoetnógrafo(a)” exige dos(as) pesquisadores(as) uma atenção primordial para a investigação do “eu” em primeiro plano (suas memórias e experiências), preocupações com a dimensão relac-

21 Ver o “Seminário Virtual do PPGCSO/UFJF onde eu abordo o tema “Autoetnografia e a Pesquisa Sociológica” - <https://www.youtube.com/watch?v=ToAWN4U1rRg>.

onal durante todas as etapas do processo de pesquisa (interações com os “outros” – sujeitos investigados – e temas de pesquisa) e um olhar para a representação desses processos em relação aos contextos social e cultural.

Recorrer à autoetnografia não é tornar-se somente o sujeito que vai descrever e analisar a sua “própria história de vida e /ou narrativa”. Não se trata de “olhar narcisicamente” para si mesmo e para o seu contexto pessoal. E nem quero dizer que somente a nossa experiência de sujeito negro e autoetnógrafo/a bastasse para analisarmos a realidade social e cultural a partir da nossa narrativa. Com o que já vimos até aqui (mesmo que sucintamente) sobre as relações da base epistemológica deste método com a sociologia de Du Bois e a tradição/construção de conhecimento das feministas negras, desenvolvendo e complexificando um pouco mais nosso entendimento, entendo e espero que compreendam que a experiência e a narrativa negras ganham força à medida que elas vão sendo relacionadas com outras experiências e narrativas que constituem a vivência do mesmo grupo, que neste caso seria a população negra em sua diversidade e particularidades. A autorreflexividade deve sempre ser acionada nas interrelações ou interações entre os “Eus e os “Outros”. Em minha concepção, apesar de partir da experiência individual, nunca será somente um intento individual, o método e seus resultados analíticos refletirão (ou devem refletir) na maioria das vezes o âmbito coletivo, o que impacta em alguma medida o grupo de pertença do sujeito autoetnógrafo/a.

Por fim, ao desvelar o jogo de narrativas que se fez presente tanto na narrativa biográfica de Caveira e em nossa interação quanto no “elogio de si” da multinacional, é fundamental reafirmar a importância de nos atentarmos para as potencialidades teórico-metodológicas e analíticas do interacionismo simbólico sobre o racismo e as experiências de discriminação. Dessa maneira eu consegui apontar e desvelar algumas das complexidades cotidianas das situações de trabalho na multinacional estudada. Portanto, passei a entender que é no ato da interação que os “outros” tornam-se significativos e, deste modo, a descrição dessa construção das relações demonstra a sua força interpretativa. Casos como este de Caveira evidencia que quando a questão é a percepção de discriminação, ela pode ser sentida em algumas situações vividas no

cotidiano de trabalho, mas não em outras. A experiência dele como as de outros sujeitos apresentados em minha tese doutoral nos mostra que há uma tensão em diferentes situações interacionais, em que tais interações vão estruturar e impactar as experiências da discriminação, desencadear os sentimentos das desigualdades e influenciar na construção das identidades de cada indivíduo.

Referências Bibliográficas

- BERGER, P. L., & LUCKMANN, T. (1985). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes.
- BLUMER, H. (1969). *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- BOURDIEU, P. (2005). *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CHANG, H. (2008). *Autoethnography as method*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, Inc.
- COLLINS, P. H. (2000). *Black feminist thought : knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York, NY: Routledge.
- _____ (2016). *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*. *Soc. estado.*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127.
- CRENSHAW, K. (1991). *Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color*. *Stanford Law Review*, Vol. 43, No. 6., pp. 1241- 1299.
- DENZIN, N. K. (2013). *Interpretive Autoethnography*. Em S. H. JONES, T. E. ADAMS, & C. ELLIS, *Handbook of Autoethnography* (pp. 123-142). Walnut Creek - CA: Left Coast Press, Inc.
- _____ (2014). *Interpretive autoethnography*. Urbana-Champaign: Sage.
- DU BOIS, W. E. B ([1903] 1999). *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores.

- _____ ([1903] 2007). *The souls of Black folk* - edited with an introduction and notes by Brent Hayes Edwards. New York: Oxford University Press Inc.
- _____ ([1920] 1969). *Darkwater - voices from within the veil*. New York: Schocken Books.
- _____ ([1940] 2007). *Dusk of Dawn - An essay toward an autobiography of a Race Concept*. New York: Oxford University Press.
- ESSED, P. (1991). *Understanding everyday racism: An interdisciplinary theory*. (Sage series on race and ethnic relations, Vol. 2). Thousand Oaks, CA, US: Sage Publications, Inc.
- FRIEDMAN, N. L. (1990). *Autobiographical Sociology*. *The American Sociologist*, Vol. 21, No. 1, pp. 60-66.
- GOFFMAN, E. (1986). *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. Boston: Northeastern University Press [1974].
- GRIFFIN, R. A. (2012). *I am an angry black woman: Black feminist autoethnography, voice and resistance*. *Women's Studies in Communication*, 35(2), pp. 138–157.
- ITZIGSOHN, J., & BROWN, K. L. (2020). *The sociology of W.E.B. Du Bois: racialized modernity and the global color line*. New York: New York University Press.
- MCCLAURIN, I. (2001). *Theorizing a Black Feminist Self in Anthropology: Toward an Autoethnographic Approach*. Em I. MCCLAURIN, *Black feminist anthropology: theory, politics, praxis, and poetics* (pp. 49-76). New Brunswick, New Jersey, and London: Rutgers University Press.
- MEAD, G. H. ([1934] 1962). *Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: The University of Chicago Press.
- MORRIS, A. D. (2015). *The Du Bois–Atlanta School of Sociology*. Em A. D. MORRIS, *The scholar denied: W. E. B. Du Bois and the birth of modern sociology* (pp. 55-99). Oakland, California: University of California Press.
- PAGER, D. (2006). *Medir a discriminação*. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 18, n. 2, pp. 65-88.
- REED-DANAHAY, D. E. (1997). *Introduction*. Em D. E. REED-DANAHAY, *Auto/Ethnography - Rewriting the Self and the Social* (pp. 1-17). Oxford - New York: Berg.
- REESE, A. (2018). *Zora Neale Hurston and Ethnography of Black Life*. Em M. A. HUNTER, *The new black sociologists: historical and contemporary perspectives* (pp. 62-68). New York: Routledge.
- ROSENTHAL, G. (maio-ago de 2014). *História de vida vivenciada e história de vida narrada: A interrelação entre experiência, recordar e narrar*. *Civitas, Porto Alegre*, v. 14 n. 2, pp. 227-249.
- ROTH, W.-M. (2005). *Auto/Biography and Auto/Ethnography*. Leiden, The Netherlands: Brill | Sense. doi:<https://doi.org/10.1163/9789460911408>
- SANTOS, S. M. A. (2017). *O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios*. *PLURAL, Revista do Programa de PósGraduação em Sociologia da USP*, v.24.1, pp. 214-241.
- _____ (2019). *Experiências de desigualdades raciais e de gênero. Narrativas sobre situações de trabalho em uma fast fashion*. São Paulo: Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, [doi:10.11606/T.8.2019.tde-07112019-170454].
- SCOTT, J. W. (1992). *“Experience”*. Em J. B. SCOTT, *Feminists theorize the political* (pp. 22-40). New York, NY: Routledge.
- WRIGHT, E. I. (2002). *Using the master's tools: The Atlanta Sociological Laboratory and American Sociology 1896-1924*. *Sociological Spectrum: Mid-South Sociological Association*, 22:1, 15-39.

